

## PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE ALUNOS DO 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA: UM TRABALHO COM CRÔNICAS

*Rosângela do Nascimento Costa<sup>1</sup> e Heliandro Rosa de Jesus<sup>2</sup>*

### RESUMO

O presente trabalho busca analisar as práticas de leitura e escrita de alunos do 9º ano de uma escola pública. A pesquisa aborda noções de língua, linguagem, gêneros discursivos, práticas de leitura e escrita. O objetivo principal é verificar como os alunos reagem à leitura do gênero crônica, baseado nos conhecimentos prévios dos mesmos, para posteriormente trabalhar o gênero com todas as suas especificidades. O trabalho em sala se baseou nas sequências didáticas apresentadas no caderno das Olimpíadas de Língua Portuguesa. Analisar-se-á também a escrita dos educandos após algumas aulas desenvolvidas, nas quais serão realizadas atividades relacionadas ao referido gênero. Foram necessárias 10 aulas em uma mesma sala objetivando o entrosamento com os alunos e também para que o trabalho obtivesse melhor êxito. A pesquisa se baseia em pressupostos teóricos ancorados em Bakhtin, Manguel, Geraldi, Orlandi, dentre outros que se julgar necessário. O corpus a ser analisado consta das crônicas produzidas pelos alunos. A pesquisa é de campo com participação e intervenção da pesquisadora, que a partir do trabalho em sala e da produção dos alunos, buscou verificar como se processa a constituição do sujeito por meio da leitura e da escrita. Outro fator importante também analisado foi a maneira como os estudantes fazem uso da escrita e como inferem em textos lidos. Nesse sentido, após todo um trabalho desenvolvido foram propostas algumas produções do gênero com tema a ser escolhido pelo aluno. Dessa forma, a pesquisa se justifica pelo fato de tanto leitura quanto escrita estarem presentes em toda a vida escolar dos discentes e serem fator fundamental para que o mesmo obtenha sucesso na vida acadêmica e social. A análise dos textos deixou claro que as condições de produção e o momento social e histórico, no qual o sujeito está inserido, são partes constituintes de sua escrita.

Palavras chave: Gêneros discursivos. Sujeito. Condições de produção.

<sup>1</sup> Professora da rede Estadual de Ensino e da UEG - Campus Quirinópolis. Possui mestrado em Letras e Linguística pela UFG, graduação em Letras pela UEG Quirinópolis e especialização em Psicopedagogia pela mesma Universidade e especialização em metodologia do ensino fundamental, pela UFG.

<sup>2</sup> Professor Assistente da Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Possui mestrado em Letras e Linguística pela UFG, graduação em Letras pela UFG. E-mail: cerradino@hotmail.com

## READING AND WRITING PRACTICES OF 9TH YEAR STUDENTS OF A PUBLIC SCHOOL: A WORK WITH CHRONICLES

### ABSTRACT

This paper analyzes the reading and writing practices of 9th grade students in a public school. The research addresses notions of language, language, discursive genres, reading and writing practices. The main objective is to verify how the students react to the reading of the chronic genre, based on their previous knowledge, to later work the genre with all its specificities. The classroom work was based on the didactic sequences presented in the notebook of the Portuguese Language Olympics. It will also be analyzed the writing of the students after some developed classes, in which activities related to the referred genre will be performed. It took 10 classes in the same room to get together with the students and also for the work to be more successful. The research is based on theoretical assumptions based on Bakhtin, Manguel, Gerald, Orlandi, among others deemed necessary. The corpus to be analyzed consists of the chronicles produced by the students. The research is field with participation and intervention of the researcher, who from the classroom work and the production of students, sought to verify how the constitution of the subject through reading and writing. Another important factor also analyzed was the way students make use of writing and how they infer from read texts. In this sense, after all the work developed, some productions of the genre with theme to be chosen by the student were proposed. Thus, the research is justified by the fact that both reading and writing are present throughout the students' school life and are a fundamental factor for their success in academic and social life. The analysis of the texts made it clear that the conditions of production and the social and historical moment in which the subject is inserted are constituent parts of his writing.

Key words: Discursive genres. Subject. Production conditions.

### INTRODUÇÃO

O referido artigo se propõe a discutir questões relacionadas à leitura e escrita de alunos do 9º ano de uma escola pública e, como esses sujeitos se constroem nos processos citados, de forma a perceber indícios na escrita que identificam características próprias da subjetividade de cada um.

A leitura e a escrita não devem ser vistas como meras atividades realizadas em aulas de redação, mas como algo que tenha sentido nas

esferas sociais das quais o ser humano esteja inserido, haja vista que o contexto sociocultural é fundamental para a construção do sujeito leitor e escritor. Nesse sentido, tanto leitura quanto escrita corroboraram com os processos dialógicos em determinada comunidade linguística.

Acredito no trabalho contínuo do professor que abarque leitura e escrita de textos como forma de reflexão sobre sua realidade e produção de novos sentidos em seu ambiente sócio-histórico, como sujeito crítico, capaz de

ler além do dito e produzir seus textos com novos horizontes de sentidos.

Vale ressaltar, entretanto, que a realidade do ensino de língua materna está longe de ser a ideal, pois ainda predominam atividades mecânicas, que não levam o aluno à reflexão, mas sim a entender a língua como algo pronto e acabado. Desse modo, o estudante, muitas vezes, memoriza regras e as aplica em frases soltas, fora de situações de comunicação ou textos.

Nesse sentido, tem-se a falsa concepção de que os alunos na fase final do Ensino Fundamental II tenham boa proficiência em leitura e escrita de textos variados. Quando me refiro a textos variados, retomo a concepção de língua como forma de interação verbal, assim, espera-se que os alunos leiam e escrevam os gêneros textuais/discursivos propostos pela escola e, ainda, que tais gêneros tenham sentido em suas esferas sociais.

Diante destes fatos, realizei um trabalho com alunos do 9º ano, dando ênfase, sobretudo, às atividades de leitura e escrita de textos narrativos, mais especificamente ao gênero crônica. A escolha do gênero se deu pelo fato de ser professora de língua portuguesa por mais de 15 anos e, nesse período, pude compartilhar das dificuldades que os alunos têm na produção do gênero citado, apesar de terem muita facilidade para narrar. Quando me refiro ao narrar, quero dizer contar histórias reais ou fictícias, ou seja, os discentes não se preocupam muito com a estrutura da narrativa, dessa forma minha intenção foi de sistematizar um conhecimento que os mesmos já possuíam.

Desta feita, é pela escrita que percebemos a maturidade linguística dos discentes, assim, pretendo nessa pesquisa analisar as produções escritas dos alunos do 9º ano de uma escola

pública, objetivando verificar o seu crescimento e entendimento do gênero durante a realização da sequência didática, como ele se posiciona e se constitui como sujeito leitor e escritor.

A partir do tema acima, surgiram as seguintes questões: como se dá a construção do sujeito leitor e escritor, levando em conta o trabalho realizado por meio de sequência didática? Que idiosincrasias foram possíveis notar? O que houve de coletivo? Como esses sujeitos se posicionaram diante de suas escritas?

Para esse propósito, o presente trabalho se pautará em teóricos como Bakhtin, Manguel, Saussure, Orlandi, Geraldi, dentre outros. De início busco fazer um breve percurso pela constituição do sujeito leitor e escritor, conceituo o gênero para depois perpassar pelas concepções de linguagem na história da linguística.

Logo em seguida será descrita a metodologia da pesquisa, para finalmente chegar a análise dos textos escritos pelos alunos. Por fim coloco as conclusões a que cheguei e deixo aberto o caminho para que novas pesquisas sejam feitas nessa área.

## CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE LÍNGUA/LINGUAGEM

O indivíduo se constitui pela linguagem, pois são os diferentes dizeres do mundo que permeiam os nossos, de tal forma que sempre recorremos a algum recorte para nos constituirmos como sujeitos. Bakhtin teoriza (1992) que a palavra é a forma mais pura e sensível das relações sociais, nela se mostram as ideologias próprias de cada indivíduo, além de ser também conteúdo da atividade psíquica singular. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN 1992, p.36). Para o

autor, toda palavra é absorvida por sua função de signo. Ela só comporta o que tem ligação com essa função.

Desse modo a palavra privada de sentido é apenas palavra (física). Retomo aqui a concepção de língua proposta por Saussure (1997) o qual afirma que:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários (SAUSSURE, p.27).

É inegável a importância do teórico para que os estudos linguísticos prosperassem, pois a partir da publicação de seu *Curso de Linguística Geral* surgiram outras teorias relacionadas às do autor. Vale ressaltar que como pai da linguística, o autor problematizou questões acerca da língua, inaugurando, assim, uma nova forma de pensar a língua.

Nesse aspecto, Souza (2012, p. 408) afirma que para Saussure, “a linguagem inclui a língua e outros modos de produzir sentidos [...]” Desse modo, o sujeito/aluno pode dar sentidos diversos à suas leituras e reconstruir a leitura por meio da escrita.

Ao desenvolver o trabalho com os alunos do 9º ano, me propus a incentivá-los com a leitura e a escrita, queria a participação deles num processo dialógico, na construção de sentidos em seus textos escritos, nas palavras de Geraldi (1993, p. 167) “leitor que trabalha para reconstruir este dito baseado também no que se disse e em suas próprias contrapalavras”. Nesse sentido, a leitura de crônicas pôde possibilitar

aos estudantes a reconstrução dos dizeres, se constituindo pela leitura de outrem.

Um enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera [...] Os enunciados não são indiferentes uns em relação aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros [...] O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal (BAKHTIN, 1997, p. 316)

Dessa forma, o aluno, ao ler as crônicas propostas durante a realização da sequência didática, busca nos enunciados lidos reconstruir-se como sujeito atravessado por outros dizeres, esses ecos acima citados ressoam em seus textos e os identificam como escritores/ autores de outros dizeres.

## A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR E ESCRITOR

Ao professor de língua materna, cabe entender a linguagem como forma de interação verbal, compreender os modos como o sujeito interage com a língua. Em uma visão bakhtiniana, a linguagem é entendida como sistema de signos carregados de ideologia e que se formam a partir de interações sociais.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social [...] Realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e portanto também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados (BAKHTIN, 2010, p. 36,44)

Entendendo que o discurso do sujeito-escritor se materializa nos signos, a linguagem é considerada como produto da interação verbal, assim, não pode ser concebida apenas como expressão do pensamento, pois ela “é organizadora, elaboradora da atividade mental” (idem, p.112). Desse modo, essa linguagem é constitutiva do sujeito, conforme afirma Franchi (1992, p. 32) “A linguagem em um dos seus aspectos fundamentais é um meio de revisão de categorias e criação de novas estruturas”, haja vista que é na relação com o outro que esse sujeito se constitui, isso se torna possível nas diferentes interações que esse mesmo sujeito participa em diferentes esferas sociais.

Manguel (2012) teoriza que:

Depois que aprendi a ler minhas letras, li de tudo: livros, mas também notícias, anúncios, os tipos pequenos no verso da passagem do bonde, letras jogadas no lixo, jornais velhos apanhados sob o banco do parque, grafites, a contracapa das revistas de outros passageiros no ônibus. [...]. essa adoração do livro (em pergaminho, em papel ou na tela) é um dos alicerces de uma sociedade letrada (MANGUEL 2012, p. 20)

O autor nos faz refletir como a leitura é importante na vida do sujeito, pois, é como alguém que vê, mas não lê, a partir do aprendizado da leitura pode-se dizer que há um “descortinamento” da visão do homem sobre as coisas, haja vista que se passa a ler o mundo com outros olhos. Ainda me referindo ao autor, percebe-se que não se lê apenas livros, mas os textos que o compõem, daí a importância do trabalho do professor com diferentes gêneros.

Segundo Orlandi (2000, p.39), “ler e escrever são, hoje, duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independentemente

do tempo médio com elas despendido e do contingente e pessoas que as praticam”. A autora entende aqui leitura e escrita como algo imbricado à vida do homem, uma vez que o mundo no qual vivemos é permeado por signos e sentidos a eles atribuídos durante todo o tempo.

Manguel (2012, p. 89) ainda teoriza que “Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar.” Nesse sentido o sujeito que consegue ultrapassar essa barreira torna-se crítico e livre, entendendo liberdade aqui como novas possibilidades de ver e ler o mundo.

Mesmo um sujeito privado de certas condições sociais e ideológicas participa da interação com o seu interlocutor e com outros discursos. Nesse sentido vale lembrar as palavras de Geraldini (1996) quando afirma que

Entende-se que o sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como ‘produto sempre inacabado’ deste mesmo processo, no qual o sujeito internaliza a linguagem e constitui-se como ser social, pois a linguagem não é trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e para os outros e com os outros que ela se constitui. Isto implica que não há um sujeito pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas e nas falas dos outros. (GERALDI 1996, 19).

Pode-se dizer que o sujeito está sempre em construção, novas leituras, novos dizeres, a busca por vozes atravessadas, enfim é um contínuo processo de construção e reconstrução em diferentes momentos e em diferentes espaços.

O gênero crônica jornalística foi o escolhido, como dito anteriormente, pelo fato da facilidade que os alunos mostram em narrar fatos. Os textos dos alunos serão analisados com o objetivo de refazer o percurso de suas leituras para a produção final de seus textos. Como afirma Orlandi (2000, p. 91): “[...] a produção (oral ou escrita) é meio pelo qual se pode ter acesso à leitura do aluno. Embora seja uma relação indireta, é aí que se pode verificar a história do leitor em relação às significações, aos modelos (etc.) de que ele tem domínio.”

Portanto, pautada na leitura mais atenta das produções dos sujeitos tentarei refazer suas histórias de leituras, as imagens por eles construídas, bem como as interpretações e leituras que os fazem do seu “mundo”.

## A CRÔNICA JORNALÍSTICA: A BUSCA PELO COTIDIANO

Antes de tratar do conceito de crônica, faz-se necessário caracterizar os gêneros textuais/discursivos, isto nos remete a textos orais ou escritos que se concretizam em eventos de comunicação nas diferentes esferas sociais que estamos inseridos. São textos definidos por seu estilo, sua estrutura, seus propósitos de comunicação que emergem em momentos sócio-históricos e culturais.

Desse modo, remete-se aos pressupostos bakhtinianos, que apontam os gêneros textuais como componentes culturais e históricos, configurações repetitivas e expressivas de interagir em conjunto, que ordenam e estabilizam nossas relações na sociedade.

Em cada esfera da sociedade os discursos se materializam para atender as devidas necessidades. Segundo Bakhtin (2010)

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala (BAKHTIN, 2010, p. 283).

Nesse sentido, percebe-se que os discursos são construídos de acordo com a necessidade de comunicação e se configuram em gêneros, que são adequados às situações de comunicação. Na medida em que retiramos de um discurso fragmentos e inserimos em outro, fazemos uma transposição de suas condições de produção. Mudadas as condições de produção, a significação desses fragmentos ganha nova configuração semântica (BRANDÃO, 1993).

Bakhtin argumenta ainda que dentro de uma dada situação linguística, o falante / ouvinte produz uma estrutura comunicativa que se configurará em formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado, pois são formas marcadas a partir de contextos sociais e históricos. Em outras palavras, tais formas estão sujeitas a alterações em sua estrutura, dependendo do contexto de produção e dos falantes / ouvintes que produzem, os quais atribuem sentidos a determinado discurso. Logo, conclui-se que são muitas e variadas as formas dos gêneros textuais (BAKHTIN, 2010, p. 279).

O gênero escolhido para a pesquisa se relaciona com o tempo, pois traz em sua origem etimológica a palavra *Cronos*, o tempo. A mitologia mostra a relação de “cronos” com o tempo. Dessa forma, o tempo deseja ser imutável,

mas muda sem que ninguém possa impedir. O tempo é senhor de “cronos”, e a partir dessa relação é cunhado o termo grego *chronikós*, o termo em latim *chronicue* e o português “crônica” (BENDER; LAURITO, 1993).

De acordo com Candido (1992):

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus –seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós (CANDIDO, 1992, p.13).

Desse modo, fica explícito o fato de esse gênero estar mais perto dos alunos, com uma linguagem mais acessível e uma forma singular de narrar fatos do cotidiano. Assim os alunos participantes da pesquisa tiveram contato com o gênero e, a partir de situações de produções, puderam chegar ao texto final: a crônica.

Sem dúvida que o uso desse gênero em materiais didáticos tem crescido muito nas últimas décadas, o que pode propiciar aos nossos alunos leituras e visões mais críticas sobre o mundo que os cerca. Cândido (1992) teoriza sobre esse assunto quando afirma que

Vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância desse agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante (CANDIDO 1992, p.16-17).

O autor supracitado busca entrecruzar o gênero crônica com o ensino de língua, de modo que a mesma possa despertar o leitor/escritor escondido em cada um, de forma que, como gênero de fácil acesso, não perde sua modernidade, sendo assim, material privilegiado usado no ensino.

Assim, escolhi o esse gênero por também considerá-lo mais próximo da linguagem dos estudantes, além de lhes propiciar uma visão crítica das coisas cotidianas que, muitas vezes, nem percebemos pela correria do próprio cotidiano.

## METODOLOGIA

Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico dos autores que abordam o assunto em questão na pesquisa. Dessa forma, buscou-se em Bakhtin, Orlandi e Manguel os conceitos e considerações sobre os temas: língua/linguagem e sujeito leitor/escritor. Foram feitas pesquisas em livros e artigos científicos, por meio impresso e virtual, para depois produzir o texto, baseado em inferências e no entendimento das teorias lidas.

Conforme Oliveira (2001, p. 19) “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno”. Portanto optou-se por fazer um levantamento bibliográfico para dar suporte teórico ao estudo, haja vista que o mesmo mensura os aspectos relevantes que permeiam a temática abordada.

Também foi realizada uma pesquisa-ação, na qual desenvolvi uma sequência de 10 aulas, com o objetivo de familiarizar o aluno com o gênero escolhido e criar condições para a produção final do texto. Sobre esse tipo de pesquisa Tripp (2005) afirma que:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, [...] (TRIPP 2005, p. 445)

Assim, por meio desse tipo de pesquisa o professor consegue avançar e retroceder, dependendo do aprendizado de seus alunos, ele pode melhorar suas metodologias sempre em busca de agir nos problemas mais frequentes de aprendizagem, no caso da referida pesquisa, os problemas surgidos foram relacionados à leitura e escrita.

Segundo Richardson (1999), o método quantitativo é relevante no momento em que é necessário demonstrar as relações que existem entre certos fenômenos, desta forma ele é estatístico, pois quando existem muitas relações elas precisam ser quantificadas para se saber qual aconteceu mais vezes e o resultado delas, depois que elas aconteceram.

Por outro lado, o método qualitativo não se preocupa com estatística, ou seja, não é prioridade medir fenômenos, e é por meio deste método que será possível compreender os aspectos psicológicos. Baseado nos objetivos estabelecidos, esta pesquisa se estrutura em base qualitativa e em alguns instantes amparada por dados quantitativos, uma vez que houve quantificação das redações e dos participantes da pesquisa.

## ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente conversei com os alunos sobre o trabalho que iria desenvolver e deixei livre para que os mesmos escolhessem se iriam participar ou não. A coordenadora pedagógica

e a vice-diretora da escola providenciaram o material que disse que seria usado na sequência. Desse modo, realizei o trabalho no 9º ano de uma escola pública da cidade de Quirinópolis.

A referida escola se localiza na periferia da cidade e atende alunos de classes sociais baixa e média baixa. A maioria dos alunos dessa sala trabalha fora para ajudar a família com o sustento da casa. Em períodos remotos, a escola era considerada perigosa, mas a vice-diretora me disse que essa condição tem mudado a cada dia.

A sala contém 20 alunos matriculados, dos quais apenas 17 participaram das aulas e produziram textos. Dentre esses discentes havia 11 meninas e 6 meninos, sendo que 7 participaram de todas as etapas e 10 apenas de algumas aulas. Vale ressaltar que os alunos que participaram de todas as etapas eram do sexo feminino.

Após leitura de todos os textos, optei por analisar 4 textos, escolhidos pela maneira com que cada um escreveu e também pelo sexo, pois foram escolhidos 2 de meninas e 2 de meninos, assim será possível verificar se há diferentes concepções de leitura e escrita por ambos os sexos, além de poder analisar também as singularidades de sujeitos ímpares.

Conversei com os discentes sobre o narrar, se eles sabiam o que era isso, como narrar e outras perguntas relacionadas a essa tipologia. Dessa maneira, pedi que escrevessem uma narrativa livremente, logo em aula posterior trouxe as questões teóricas da narrativa e a partir daí apresentei-lhes as crônicas escolhidas para a pesquisa.

A seleção dos textos a serem lidos se deu de forma a contemplar crônicas de diferentes períodos da história. Optei pela escolha de textos presentes no livro: *As cem melhores crônicas brasileiras*, (SANTOS, 2005). Iniciei com um



texto por período histórico, de forma aleatória.

Assim, os textos lidos em sala e em casa foram:

- Queixa de defunto (Lima Barreto);
- Genialidade brasileira (Alcântara Machado);
- Batizado na Penha (Vinícius de Moraes);
- Homem do mar (Rubem Braga);
- A moça e a calça (Stanislaw Ponte Preta);
- Coisas e pessoas (Mário Quintana);
- Deus é naja (Caio Fernando Abreu);
- Por que sonhas Minas? (Roberto Drummond);
- Quando as mulheres acordam (Chico Sá);
- Meu avô foi belo retrato do malandro carioca (Arnaldo Jabor).

A seguir segue os textos finais com algumas considerações. Vale ressaltar que apesar da reescrita, os textos ainda apresentam “problemas”, porém não foi objetivo principal analisar a escrita desse ponto de vista e sim o sentido que ela concebe. Outro ponto importante é que os textos foram digitados sem correção, tal digitação foi realizada para que se preservasse os alunos, haja vista que suas caligrafias poderiam ser reconhecidas em algum momento. Os dois primeiros são de meninas e os dois últimos de meninos. Vale ressaltar ainda que, apesar de os meninos não terem participado de todas as etapas, seus textos apresentaram maior visão crítica do mundo do que o das meninas, em geral.

### A senhora

Em um trânsito intenso e um calor escaldante dos dias de São Paulo, via de ônibus uma senhora, que pela sua expressão cansada estava há um bom tempo ali.

Logo que ela entrou no ônibus e viu que não havia nem um assento desocupado, seu cansaço ficou ainda mais evidente. Ficou esperando que alguém lhe cedesse um assento, mas percebeu que ninguém a via neste!

Eu que olhava aquela cena, apesar de querer, não podia fazer nada. Aquelas pessoas que estavam sentadas, não olhavam nem para o lado, com as caras fechadas só se preocupavam com si próprias.

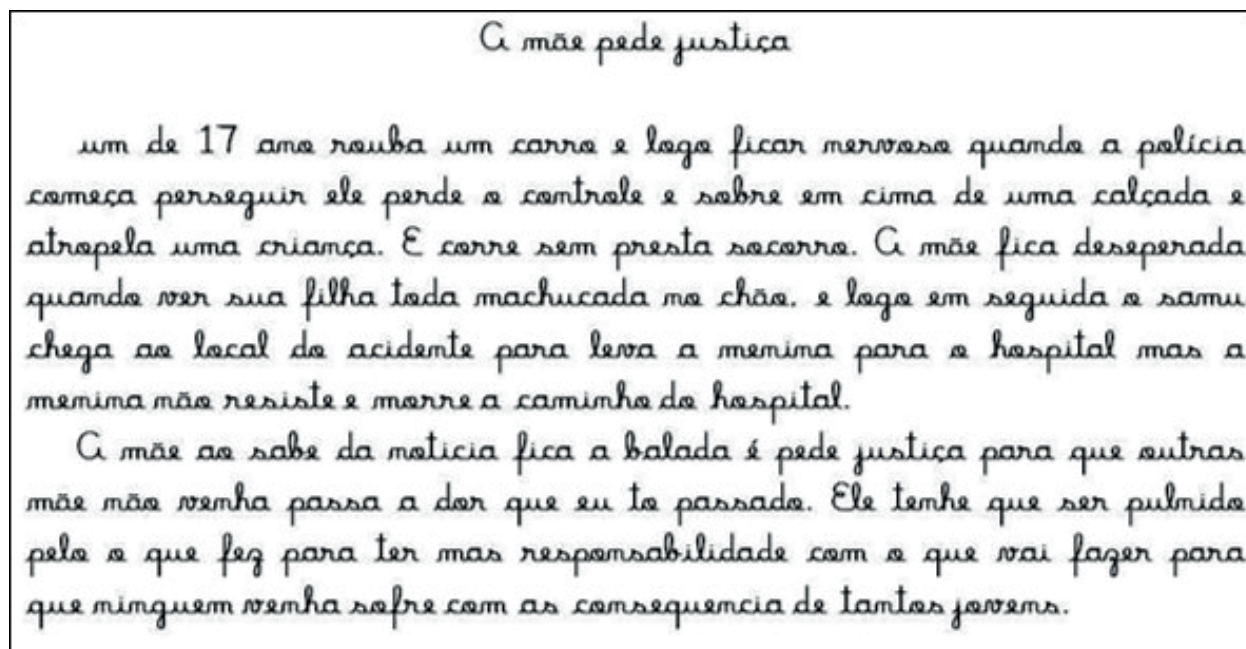
Todos os dias eu a levava de um ponto a outro. E imaginava quando o mundo irá mudar.

Levando em consideração os aspectos trabalhados durante as oficinas, o texto apresenta características de um sujeito com boa argumentação na escrita, vale ressaltar aqui a atitude ativo responsiva proposta por Bakhtin (2010), pois a aluna mostra ter entendido bem que esse gênero deve relatar fatos do cotidiano de forma crítica. Só não foi possível averiguar se o que a aluna escreveu é fato ou ficção.

No trecho: “*Eu que olhava aquela cena, apesar de querer, não podia fazer nada*” podemos identificar um sujeito que percebe sua realidade,

faz a leitura dos fatos, e ainda narra a impotência do ser humano diante de questões cotidianas.

O texto abaixo é de uma aluna que veio da região nordeste, segundo a coordenadora pedagógica. Dessa forma, além da constituição de um sujeito leitor e escritor, foi possível analisar questões maiores que envolvem a educação no país, haja vista que a aluna apresenta estar fora da idade/ série e, mesmo assim sua escrita apresenta muitos problemas, apesar de não ser o foco da pesquisa, percebe-se aqui uma visão mais simplista do mundo que a cerca.



Nesse texto se configura a teoria de Orlandi (2000, p. 91) sobre a produção oral e escrita, pois fica visível que a aluna não deve ter tido acesso à leitura, e sua história de leitor/ escritor comprova os domínios e modelos de significações que a mesma segue. Com relação ao gênero, ela parece mais relatar ou noticiar um fato, sem a visão crítica que o gênero exige.

Os dois próximos textos são de alunos que a princípio parecem terem sido estimulados

à leitura, uma vez que escolheram como tema fatos recentes do seu cotidiano.

O texto acima reflete o momento social, e histórico ao qual o sujeito se encontra inserido, nas palavras de Bakhtin seria o discurso se construindo de acordo com esses momentos, além, é claro, dos discursos atravessados que o leitor mostra em seu texto, pois como se sabe, essa questão do preço do tomate vem sendo repetida muitas vezes por muitas vozes.

### O vilão da inflação

Nos últimos meses, o preço do tomate tem subido muito, em alguns lugares o preço chega na faixa de uns 9 à 11 reais, este preço é abusivo, Mas nós não podemos fazer nada.

Este preço está caro? Está, mas nós também temos que ver o lado dos agricultores, pois este ano, a chuva se prolongou bastante, e acabou afetando a qualidade dos tomates, pois com a chuva vem as pragas, e com isso uma grande quantidade de tomate, sai podre, bichada, e como os agricultores vivem disso, para não perder eles aumentam o preço para que o prejuízo seja menor.

Por estes motivos nós consumidores, temos que pagar um preço mais alto pelo produto. Alguns consumidores ficam braves, pois com o grande aumento eles não tem condições para comprar.

Já outros entendem os motivos dos agricultores, e não reclamam. Achar um absurdo o preço, todo mundo acha, mas eles não discutem, apenas deixam de comprar, ou compram menos, do que estão acostumados a comprar.

Betar a culpa no governo, não vai adiantar, pois a culpa não é do governo. Acho que cada um deve entender os motivos dos outros. Pois os agricultores precisam disso. E eles não vão diminuir o preço por nós, pois eles também precisam, então a única coisa que devemos fazer é entender e não discutir para que esse assunto morra, e que nós não tenhamos mais brigas, discussões por causa disso.

Apesar da facilidade de escrever expressada pelo texto do aluno, sua visão das coisas não se mostra crítica, pois o mesmo se posiciona de forma passiva ao problema do preço do tomate, o que pode ser comprovado no trecho: “Cada um deve entender os motivos dos outros”.

Ao analisar o texto acima, é possível identificar um sujeito que visualiza o mundo e

seu contexto com olhos críticos, tal como afirma Manguel (2012) que se aprende a ler não apenas as letras nossas, mas também outros textos inseridos nos em nossas esferas. Assim, vale retomar Geraldini (1996) que afirma que o sujeito se constitui ao interagir com os outros, constrói suas falas nas falas dos outros.

## Eu X Ele

Mas uma malha mais linda acordei para ir a escola então me arrumei, estou pronta, dispeço dos meus pais mas, quando eu coloquei os pés para fora de portão La esta ele, cheio de água então tudo deu errado para mim a partir desse meme-mte.

Passou um caminhão parecendo um avião jogando água para tudo quando e lado me encharcando de tudo que e dimensão e 30, 40, 50... né que fiquei bem molhada e super brava. então resolvi tomar banho.

Os moradores pagam tanta coisa para o governo para que? Para deixar a porta de suas casas parecendo uma peneira de tanto buraco isso não é certo para que nos pagamos impostos? e o pior de tudo e que depois de tantas criticas o governo não muda. Vamos lutar pelo futuro da cidade.

Portanto o aluno acima, provavelmente deve ter ouvido várias vezes os comentários de que a cidade está toda mal cuidada, as ruas esburacadas, e conseguiu com suas leituras escrever de forma tal como o seu cotidiano se mostra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análises dos textos, ficou claro que ao ensinar língua o professor deve se preocupar com a formação do leitor e do escritor, pois é por meio dessas ações que os discentes podem se tornar sujeitos realmente inseridos em um mundo letrado.

O trabalho com o gênero crônica me fez refletir sobre como cada um vê o mundo a sua volta, e, dessa forma, perceber que existem leituras diversas, cabe ao leitor ressignificar textos e contextos. “Portanto, ao abordar a leitura, estamos afirmando que ler é também

estar inserido nas possibilidades de abstração de seu ato/atuação, pois o distanciamento dessa abstração causaria problemas de compreensão e afastaria o sujeito de sua formação leitora”. (DERING, MARTINS, SILVA, 2019, p. 305)

Nesse sentido, a necessidade do trabalho com os gêneros discursivos se mostra ainda mais clara, pois quando o aluno tem o que dizer, a quem dizer e como dizer, nas palavras de Bakhtin (2010), a escrita e seus textos orais se tornarão mais significativos, incentivando-o a leituras de novos textos.

Portanto, entende-se que esse processo de formação do leitor/escritor, ou vice-versa, é um processo contínuo e árduo ao qual o professor deve priorizar no ensino de língua portuguesa. Vale lembrar que em todas as áreas se deve trabalhar com essa formação de leitor/escritor, pois é por meio da leitura e escrita que os saberes brotam e se manifestam.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de M Lahud e Y. F. Vieira, São Paulo, Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BENDER, F. C., LAURITO, I. B. **Crônica** - história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- CANDIDO, A. et al. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. 551p.
- DERING, R. de O.; MARTINS, P. C. SILVA, L. A. da. "A formação do sujeito-leitor pela experiencição do ato de ler: breves considerações". In. SCHÜTZ, J. A.; SCHWENGBER, I. L.; L. M.; NEITZEL, O. (Orgs) **Pesquisas e escritas em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 315p.
- FRANCHI, C. **Linguagem**: atividade constitutiva. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*. 1992, 22: 8-39
- GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GERALDI, J.W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 405 p.
- OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica**: Projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 2000.
- RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTOS, J. F. dos (Org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- TRIPP, D. **Action research**: a methodological introduction. Murdoch University. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf> > Data de acesso: 6 mai. 2013.